

ALUISIO DA SILVA

RA: 1193637

Curso de Pós-Graduação em Sagrada Escritura

O PROFETISMO NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Orientador Prof. Dr. Antonio Carlos Ferreira

Claretiano — Centro Universitário

Campinas

2016

RESUMO

Desde a sua origem, a Vida Religiosa Consagrada foi concebida com relevância em sua dimensão profética, que se constitui como parte inerente àquela, sem a qual a Vida Religiosa Consagrada não existiria. A Igreja reconhece o valor incalculável da Vida Consagrada para si e para o mundo a ponto de reconhecê-la como um dom de Deus oferecido à Igreja em favor da humanidade. Assim, hoje, a Vida Religiosa Consagrada é interpelada pela sociedade a assumir com veemência sua dimensão profética dentro da Igreja e do mundo. A Vida Religiosa Consagrada participa de forma especial da missão de Jesus Cristo, notadamente para anunciar os valores fundamentais da vida humana. Ao modo de Cristo, o profetismo da vida Religiosa Consagrada tem preferência pelos pobres.

Palavras - chave: Profetismo. Vida Consagrada. Jesus. Valores Fundamentais.

ABSTRACT

Since its origin, the Consecrated Religious Life was conceived with special relevance for its prophetic dimension, constituting an inherent part of the former, and without it no Consecrated Religious Life exists. The Church recognizes the immeasurable value of the Consecrated Life for itself and for the world, acknowledging it as a gift from God, offered to the Church in favor of humanity. Still today, the Consecrated Religious Life is asked by society to vehemently embrace its prophetic dimension inside the Church and in the world. The Consecrated Religious Life participates in a special way of the mission of Jesus Christ, notably to announce the fundamental values of the human life. Similarly to Christ, the prophetic nature of the Consecrated Religious Life is preferable for the poor.

Keywords: Prophecy. Consecrated Life. Jesus. Fundamental Values.

Dedico o presente trabalho à minha família Religiosa Somasca na pessoa do Padre Almir, que, sem reserva, tem acolhido e apoiado a missão para a qual Deus me elegeu.

À minha família biológica – irmãos, irmã, cunhado, sobrinhos e cunhadas –.

À minha grande amiga e incentivadora, Quitéria Calado de Melo.

À pastoral de rua “Porta da Misericórdia”, que me inspirou a fazer esta pesquisa; ao grupo de vivência “Filhos e Filhas de Maria”, por ter me acompanhado com suas orações, incentivos, apoio e por motivar-me na missão profética em meio ao povo de Deus; e à Luciana Santos, que, sem medir esforços, juntou-se a mim na finalização deste trabalho!

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar e, sobretudo, à Santíssima Trindade, por me chamar e me eleger para esta missão profética, aqui na terra, enquanto eu existir. À Congregação Somasca, da qual eu faço parte. À Luciana, que se tornou um veículo da graça para mim, principalmente, durante a elaboração deste trabalho. Ao grupo de Vivência “Filhas e Filhos de Maria” pelo incentivo, apoio, oração e motivação na minha Vida Religiosa. Aos meus amigos catequistas de Adultos, da pastoral “Porta da Misericórdia”, que me inspiraram na escolha deste tema. À Beth, com seu apoio e solidariedade durante toda pesquisa. Ao padre José Carlos e ao Lucas. Neles, agradeço a todos que têm me incentivado a seguir a Vida Consagrada Religiosa. Por fim, e com imensa gratidão, aos meus irmãos e à minha irmã!

INTRODUÇÃO

O presente artigo, por meio da revisão bibliográfica quer tratar de forma breve a importância do profetismo na Vida Religiosa Consagrada. Está dividido em dois capítulos: o primeiro, trata do profetismo na Vida Religiosa Consagrada, como ferramenta indispensável para resgatar os valores humanos. Nesse capítulo apresentar-se-á a dimensão profética na Vida Religiosa Consagrada, enfatizando a sua importância para a sociedade atual, na perspectiva de acordar a Vida Religiosa Consagrada para a profecia; já o segundo capítulo, segundo trata, de forma enfática, a relevância da Vida Religiosa Consagrada na sociedade hodierna com enfoque no Brasil. Para tanto, vale ressaltar que o trabalho trata de maneira sucinta o tema em questão. Lembrando que há, portanto, uma vasta sobre o assunto.

Todavia, sustentado por uma considerada bibliografia, este artigo científico é relevante para os chamados à Vida Consagrada Religiosa, pois o profetismo se desdobra como a espinha dorsal da Vida Religiosa Consagrada.

Para tanto, é importante primeiramente, que o leitor tenha presente o que é um profeta na concepção bíblico-teológica. Diante disso, foi conceituado o termo para bem esclarecer que tipo de profeta se refere o texto, a fim de não incorrer no erro de conceber o profeta como mágico, pior ainda, com o adivinho. O profetismo que o artigo irá discorrer é aquele que se refere à Sagrada Escritura e a Ciência Teológica.

O texto quer explicitar, sobretudo, aos de Vida Religiosa Consagrada, que desde o momento do Batismo, eles foram chamados a viver a tríplice dimensão: Sacerdotal, Profeta e Rei, como afirma Libânio, “A Vida Religiosa nasce da vocação batismal. Radica-se nela. Ao ungir pelo óleo do Crisma o recém-batizado, o sacerdote diz-lhe que doravante ela faz parte do corpo de Cristo, sacerdote, profeta e rei. Confia-se esta tríplice missão a todo cristão”¹.

Para São Paulo, o primeiro dom do Espírito de Deus é o de “Apóstolo” (1Cor 12,28). Em segundo lugar, aparecem os profetas, considerados com muita “insistência” (1Cr 14). Portanto, o Consagrado é, antes de tudo, um profeta, e por isso, deve exercer o profetismo em sua Vida Religiosa.

Todavia, o seguimento de Jesus no estilo de Vida Consagrada, assume a vivência radical do Evangelho por meio dos votos de pobreza, obediência e castidade. Portanto, o

¹ LIBÂNIO, J. Batista. Vida Religiosa, São Paulo: Paulinas, 1995, p.103.

consagrado passa a exercer com maior afinco a dimensão profética, chegando a ser identificado como um reflexo de Cristo.

A Exortação Pós-Sinodal de João Paulo II *Vita Consecrata* (1996, n.84) afirma: “A profissão dos conselhos evangélicos coloca os consagrados como sinal e profecia para a comunidade dos irmãos e irmãs e para o mundo”. No mesmo número, diz a Exortação Pós-Sinodal: “O carácter profético da vida consagrada foi posto em grande relevo pelos Padres Sinodais. Apresenta-se como uma forma especial de participação na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito a todo o Povo de Deus” (*Ibd.*, n. 84). Tal documento diz que a Vida Religiosa Consagrada é um sinal profético no mundo hodierno.

“A função de sinal, que o Concílio Vaticano II atribui à vida consagrada exprime-se no testemunho profético da primazia que Deus e os valores do Evangelho têm na vida cristã. Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais Ele vive” (*Ibd.*, 84).

Acontece, porém, que muitos Religiosos de Vida Consagrada, deixaram de exercer essa dimensão profética, outorgada a eles, já pelo Batismo, e evidenciada pelos conselhos evangélicos.

Para o Presbítero católico Pe. Jésus Benedito dos Santos, em sua obra: *Novo Presbítero Católico sob a Mística do Cuidado* (Santuário, 2012) e citando o Teólogo Libânio, fala de um esfriamento da consciência e do compromisso dos religiosos: “A consciência social e política dos religiosos declina [...] Consta-se uma perda de garra no compromisso, um esfriamento do discurso libertador, uma retirada das comunidades inseridas com um deslocamento da pastoral social para a pastoral litúrgico-sacramental”.

Isso acontece, sobretudo, com os consagrados que foram ordenados padres e que exercem apenas a dimensão sacerdotal (celebrar a Eucaristia), esquecendo-se das dimensões profética e régia.

Este artigo quer chamar a atenção do leitor, sobretudo os de Vida Religiosa Consagrada, para a missão profética, que emerge como consequência de sua total adesão ao Evangelho. Com efeito, se religioso o consagrado não vive a dimensão profética, sua consagração é estéril e doente. Em uma linguagem bíblica, pode-se dizer que é um Religioso consagrado morno, o que, segundo o livro *Apocalipse de São João*, é vomitado por Jesus (3,16).

Portanto, se faz mister, na Vida Religiosa Consagrada, a dimensão profética sobretudo no mundo atual. Para O Papa João Paulo II, “a verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta diligente da sua Palavra nas diversas circunstâncias

da História”². E acrescenta: “O profeta sente arder no coração à paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado”³.

O testemunho profético “[...] exprime-se ainda mediante à denúncia do que é contrário à vontade divina e a busca de novos caminhos para atuar o Evangelho na história, na perspectiva do Reino de Deus”⁴.

A vivência radical do Evangelho leva o Consagrado, segundo Bento XVI, a resplandecer, em toda História da Igreja, pela sua capacidade de assumir explicitamente o dever de anunciar e de pregar a palavra de Deus na missão *ad gentes* e nas situações mais difíceis⁵. Na mesma linha de pensamento, descreve Libânio⁶: “cada momento diferente da história da Vida Religiosa Consagrada revela ângulo novo do compromisso com a libertação dos pobres”.

Todavia, é nessa perspectiva de ser profeta na história e na vida do povo, exatamente nesse momento em que a humanidade atravessa uma etapa difícil, pois se prolifera uma cultura de morte, de desumanização e de inversão de valores; uma perda de sentido no que é sólido, inclusive uma perda de sentido da vida e da dignidade humana. Diante desta realidade, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a exercer autenticamente a sua missão profética.

A Igreja tem se preocupado enfaticamente com a preservação da vida diante das políticas demográficas e a sua conseqüente reorganização familiar. É presente, portanto, uma constante preocupação da Igreja para com os perigos de uma civilização sem Deus. Mons. Juan C. Sanahuja, em sua obra *Cultura de Morte: o grande desafio da Igreja*, publicada pela Katechesis, (2014, p.126), afirma: “De Pio XI até João Paulo II, os pontífices chamam a atenção sobre os perigos de uma civilização sem Deus, satisfeita com seus próprios efeitos”. E continua “[...] De mãos dadas ao avanço técnico-científico, o individualismo ganha cada dia mais espaço na sociedade desvinculando o homem do seu último fim que é Deus”.

Diante dessa realidade, a Vida Religiosa Consagrada, que têm o dever de apresentar-se como defensora da vida e dos verdadeiros valores humanos, é chamada a assumir sua missão profética. Identificada com Cristo, a Vida Religiosa Consagrada, tem o dever e a legitimidade de ser a presença de Cristo, vivendo de forma radical e concreta o Evangelho.

² (*Ibd.*, n. 84).

³ (*ibid.*, n. 84).

⁴ (*ibid.*, n. 84).

⁵ (*Ibd.*, n. 94C).

⁶ LIBÂNIO, J. Batista. Vida Religiosa, São Paulo: Paulinas, 1995, p.5.

Em suma, não existe Vida Religiosa Consagrada sem a ação profética, esta ação se torna cada vez mais urgente nos dias atuais frente à cultura de morte, a desvalorização e negação dos valores humanos. Frente a tal realidade o religioso não pode ficar indiferente, mas pelo contrário, assumir a missão profética para qual foi chamado. A Vida Religiosa Consagrada é provocada a dar uma resposta à sociedade atual, ou seja, atender as exigências humanas e espirituais da sociedade na qual estar inserida.

Por fim, no presente Artigo científico, busca-se evidenciar a missão do Consagrado no tempo e na história, uma vez que a Vida Religiosa Consagrada é chamada a viver e atualizar o legado deixado por Jesus; reconstituir as relações humanas do homem com Deus e com os homens. Eis a missão profética da Vida religiosa Consagrada!

PRIMEIRO CAPÍTULO:

1. PROFETISMO NA VIDA RELIGIOSA COMO FERRAMENTA INDISPENSÁVEL PARA RESGATAR OS VALORES HUMANOS

1. 1 Conceituando o termo profetismo

Antes de entrar no assunto, propriamente dito, é cabível conceituar os termos profetismo e Vida Religiosa Consagrada, a fim de que o leitor tenha presente o sentido teológico dos temas para não confundi-los com outros conceitos, visionário ou adivinho, por exemplo. Diz Santo Tomás de Aquino na “*Suma Teológica*” QUESTÃO – DA PROFECIA – CLXXI, Art. VI, referindo-se aos profetas adivinhos, que: “Por certos sinais, mesmo exteriores, pode a profecia dos demônios ser discernida da profecia divina.

No presente Artigo científico, o uso do termo profeta(ou profecia) será empregado com destaque à missão profética da Vida Religiosa Consagrada como testemunho corajoso da aliança de Deus com os homens, incluindo Suas exigências, como também o anúncio da esperança como testemunha do Evangelho junto aos últimos e sofredores.

Também, ao que tange a Vida Religiosa Consagrada, é importante ter claro que todos os batizados são consagrados, e, o que os distingue da Vida Religiosa Consagrada, é que esta é uma vivência radical do Evangelho por meio dos Conselhos Evangélicos ou votos de: pobreza, castidade e obediência. Assim sendo, a Vida Religiosa Consagrada tornou-se um estilo de Vida na Igreja.

São Paulo, na carta aos Coríntios, escreve: “procuremos amor, entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente a profecia [...]. Aquele, fala aos homens: edifica, exorta e consola [...]. Eu desejo que vocês todos falem em línguas, mas prefiro que profetizem” (1CORINTIOS 14, 1-5).

Ainda na teologia paulina, é notória a importância primordial que Paulo confere à profecia. Ele chega a colocar os profetas ao lado dos apóstolos, chamando-os, inclusive, de sucessores mais representativos dos apóstolos e, junto com eles, constituem o fundamento da Igreja.

Diz Secondin (1997, p.304),

[...] Os profetas carismáticos da comunidade apostólica conservam viva, na comunidade, a expectativa pela volta do Senhor, aplicam a Palavra à necessidade e às preocupações do momento, louvam, repreendem e admoestam. Porém, eles não são os únicos dotados de profecia. A Igreja toda se sente chamada a interpretar, discernir, e encarnar a Palavra e a esperança.

Assim, é imprescindível, aos olhos dos cristãos, a importância da ação profética para a sociedade e para o mundo.

1.2 O que é um profeta?

Segundo o *Dicionário Teológico da Vida Consagrada* (RODRÍGUEZ; CASAS, 1994), o profeta é um mensageiro de Deus (Ez 4, 6;7,1). É um portador da palavra contundente que explica e julga a situação humana pela ótica divina. Um executor da palavra divina (Ex 3, 10; Jr 16, 2). Na palavra e na ação do profeta, atua a força divina que orienta e transforma a história. O profeta é testemunha de Deus invisível e inaudito. O profeta é aquele que abraçou o iniludível dever de que outros tivessem a mesma experiência de Deus que ele teve. Nas palavras de Bruno Secondin (1997) o profeta é um homem da experiência forte de Deus, vivida em meio ao povo e em proveito deste. Ele vê a história de Deus inserido na história. E por isso se faz palavra de esperança ou consciência crítica.

É um homem cuja sinceridade é insubornável. Não retrocede diante de ninguém. Para o profeta, a existência dele não está fundamentada em valores temporais como o poder, a riqueza e a sabedoria humana (Jr 9, 23-24; Zc 4, 6). Ele é um homem de nosso mundo, não se distancia dele, mas o vê pela ótica divina. A genialidade do profeta consiste em apreender, no mesmo olhar de Deus, o mundo. A máxima do profeta é possibilitar o encontro - diálogo dos homens com Deus (Am 4, 12).

Segundo Sicre (1999), o profeta é um homem público. Não pode retirar-se para um lugar sossegado de estudo ou reflexão, nem limitar-se ao espaço do templo. Seu lugar é a rua, a praça pública, lá onde o povo se reúne, onde a mensagem é mais necessária e a problemática mais aguda. O profeta se acha em contato direto com o mundo que o rodeia; conhece as maquinações políticas, ideológicas e os descontentamentos do povo, sobretudo, os pobres, o luxo dos poderosos, a despreocupação dos sacerdotes.

Os profetas, em geral, não eram ungidos com óleo para exercerem sua missão. A unção era espiritual, pois o Senhor os marcava diretamente com a força do Espírito e o selo da vocação: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu” (Is 61,1). Deste modo, por ser ungido pelo Espírito Santo, o profeta é um homem inspirado: “Ninguém em Israel teve uma consciência tão clara de que era Deus quem lhe falava e de ser o porta-voz do Senhor como o profeta. Esta inspiração lhe vem do contato pessoal com Ele, que começa no momento de sua vocação” (SICRE, 1999, p. 199).

Com efeito, o profeta é instrumento ao serviço de Deus. Ele é arrancado de seu mundo e de si mesmo, ficando exposto às exigências de Deus. O profeta não é estático, nem mero pretexto da ação divina, nem conformista, e tampouco clarividente do futuro. Ele tem a consciência de que foi chamado por Deus, e, por tudo isso, torna-se distinto dos falsos profetas (Jr 28,15). O profeta é aquele que faz a experiência imediata de Deus,

recebendo, assim, a revelação de Sua santidade e de Sua vontade, que julga o presente e vê o futuro à luz de Deus e que é enviado por Deus para anunciar aos homens as Suas exigências e conduzi-los pelo caminho da Sua obediência e de Seu amor. Na ação do profeta, atua a força divina, que orienta e transforma a história.

Em suma, o profeta é enamorado da Justiça, para ele, esta é mais que direito legal,

A justiça é categoria básica da teologia profética e sua prática é a medida do conhecimento de Deus (Is 28,17; 58, 8-9; Jr 22, 16; Os 2,22). O justo é o qualificativo bíblico para designar quem caminha fielmente na vontade do Senhor. A justiça é a fidelidade à aliança, a prática do dom. [...] a justiça profética é mais que a justiça meramente legal, é a justiça divina que conforma a sua vida à vontade de Deus. A vontade divina é que todas as pessoas tenham vida. [...] os profetas reclamavam por justiça a partir dos pobres e excluídos [...] (DÍEZ, 1995, p. 269).

Dessa forma, a ação profética é relevante para nossa sociedade, tendo em vista a defesa da vida e da justiça. É do conhecimento de muitos a situação concreta em que se encontra o homem atual, isto é, o desequilíbrio na distribuição de bens, na política e na prática da justiça, por exemplo. Há, portanto, uma realidade que clama por mudanças, seja na vida socioeconômica, seja nos costumes do povo, seja nas religiões.

O Concílio Vaticano II defendeu categoricamente que os religiosos não se isolam do mundo, antes, porém, com suas vidas mediante os testemunhos, eles, de modo especial, são úteis à história dos seres humanos e para edificar a cidade terrena, edificar a humanidade (*Lumen Gentium* n.46). Por isso, é muitíssimo importante, a presença profética autêntica da Vida Religiosa Consagra no mundo, pois ela é uma ferramenta de Deus que ilumina o mundo. Por isso, ela deve estar no meio do povo de Deus, seja nas paróquias, nas pastorais, nas casas de formação, nas escolas, nas faculdades, nos hospitais, nas comunidades pobres e ricas, na política enfim, nas mais diversas esferas sociais. Sua presença é um sinal do Reino de Deus e que Ele está com o seu povo, preferencialmente com os pobres. Nestes, está evidenciado o desequilíbrio social em que o resgate de valores humanos se faz urgente.

Para Secondin (1997, p. 60-61),

É no mundo dos pobres, no qual o sistema revela a sua profunda perversidade, o lugar privilegiado dessa prática e desse testemunho de estar no seguimento de Jesus Cristo, solidário com os pobres. E essa é a maneira de os religiosos *exire de saeculo* por amor a Deus: acompanhar o processo de libertação dos pobres, como revelação da realização do Reino de Deus, em que manifestará uma *unidade dinâmica* entre o amor de Deus e o amor ao próximo (cf.: PC).

1.2 Os diferentes tipos de profetas

Atualmente, o que “dizemos com uma só palavra “profeta”, do grego, os antigos a denominavam com vários nomes, por exemplo: homem de Deus, vidente, visionário, profeta” (SICRE, 1999 p.192-193).

Para o professor de espiritualidade da Pontífice Universidade Católica de Roma, Bruno Secondin (1997, p. 297),

O uso do termo “profecia” ou “profetismo” é exatamente diversificado no discurso cristão. Sob esse vocabulário podemos evocar o uso sociológico, o da história das religiões, o helenístico (divinatório), o bíblico, bastante complexo, o do cristianismo primitivo, o da história da Igreja, o milenar da história transcorrida em ciclos e períodos.

Para muitas pessoas, o profeta é um homem que prediz o futuro, uma espécie de adivinho. [...] “Nos últimos séculos, tornou-se uma expressão característica, sobretudo de visões e de predicções quanto ao futuro” (SECONDIN (1997, p. 297). Para o autor esse modo de conceber o profeta perde sua característica eclesial. “[...] assume um caráter parcial, carismático [...] e perde a sua característica eclesial de ensinamento e inspiração que conduz à práxis de um modo provocativo, conforme aos designo de Deus” (*Ibid.*,1997, p.297).

Esta concepção de profeta adivinho tem um fundamento falso, de tipo etimológico, e, outro, de caráter histórico, parcialmente justificável. Etimológico pelo próprio uso e acepção do termo. Histórico pelo uso subjetivo do conceito de profeta. Portanto, essa mentalidade, ou concepção do profeta como vidente, deve ser superada (SICRE, 1999). Ainda na ótica de Sicre, a imagem do adivinho cedeu lugar para o profeta como anunciador do Messias.

Surge no século XIX, uma nova imagem romântica [...] que apresenta o profeta como solitário. “O essencial nessa concepção romântica, não é a solidão física, mas a vivência espiritual que situa o profeta muito acima de seus contemporâneos, introduzindo uma nova ideia de Deus e da religião”. Numa cultura como a do século XIX, marcada em grande parte pela dialética hegeliana e pelo evolucionismo darwiniano, não é raro que o profeta seja considerado como ponte culminante da evolução religiosa da humanidade, atingindo uma meta tão alta que o separa radicalmente de todos e o isola em sua mesma grandeza (SICRE, 1999, p.195).

Outra imagem do profeta muito difundida, inclusive em nossos dias, é a de reformador social. Esta concepção, surgida no século XIX, persiste no pensamento de muitos cristãos até hoje. Nela, o profeta se limita a um revolucionário social. Essa visão reducionista não corresponde à imagem de profeta presente nas Escrituras. O profeta vai muito além de um revolucionário. Ele está circunscrito em um projeto divino, que orienta

a sua ação no mundo conforme a sabedoria divina, bem como fora com os profetas em Israel, que atuavam em várias esferas públicas além de reformador, como denunciador das injustiças, como defensor da causa do pobre e oprimido, e, ainda, rompendo com a cadeia de pecado, ou seja, buscando eliminar o mal pela raiz.

Assim, o profeta ultrapassa as realidades materiais, conduzindo o povo para além do contingente, para uma realidade escatológica. Hoje, portanto, a Vida Religiosa Consagrada tem essa missão profética. Afinal, sua eleição é para uma missão libertadora do homem como todo.

Segundo Secondin (1997,p.296),

O termo “profético” constitui, portanto uma das mais insistentes perspectivas com que se pretende interpretar a forma de “consagrados” na Igreja. Uma vida repleta de profecia e de renovação, de anúncio e de denúncia, de consolação e de libertação, de memória e de esperança, na Igreja e no caminho da Igreja voltada para o mundo.

Fica claro que o profeta de Deus é um homem que serve como um referencial de vida e valores, como foi com Elias, Eliseu, Jeremias, Isaías, João Batista etc. - homens de oração, solidão e atuação, de experiência com o Deus, com os pobres e com os irmãos.

1.3 Vida Religiosa Consagrada

Segundo o *Código de Direito Canônico* (C. 607, 1), a consagração é a base da Vida Religiosa, estabelecida pela iniciativa de Deus. A consagração é, portanto, a ação divina que leva o consagrado à plena doação de si mesmo, como sacrifício oferecido a Deus.

Bruno Secondin, em sua obra: *Por uma fidelidade criativa* (1997, p.55) afirma que a Vida Religiosa Consagrada “ é uma iniciativa de Deus, que radicaliza no indivíduo a sua posse. [...] Daí deriva que a Vida Religiosa é, segundo a expressão de *Ranquet un signe dressé* (um sinal elevado) diante do mundo, ao passo que a vida dos leigos é um *signe immergé* (um sinal) imerso no mundo”.

O Papa São João Paulo II, em sua *Exortação Redemptoris Donum* (1984), falando sobre a Consagração Religiosa, diz: “A Igreja pensa em vós, antes de tudo, como pessoas consagradas: consagradas a Deus em Jesus Cristo. Esta consagração determina vosso lugar na ampla comunidade da Igreja, do povo de Deus” (n. 7).

Para a ciência teológica, a Consagração Religiosa é ontológica, pois toca o próprio ser da pessoa. O Papa São João Paulo II, assim definiu o consagrado religioso: “O

religioso é homem consagrado a Deus por Jesus Cristo no amor do Espírito Santo. Este é um dado ontológico, que deve florir à consciência e orientar a vida”⁷.

Todavia, a Consagração Religiosa, mais do que gesto humano, é gesto de Deus, dom de sua graça, obra de seu amor, a ponto de o Consagrado poder dizer como o profeta Jeremias: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir. Foste mais forte do que eu e me venceste no teu amor!” (Jer 20,7). Isso se concretiza com a vivência radical do Evangelho.

A prática da Vida Religiosa Consagrada se caracteriza por meio de três votos, ou conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência. Por meio destes, o homem ou a mulher se entrega a si mesmo. A pessoa é oferecida toda a Deus, possuída por Ele e santificada no sentido teológico da palavra.

Pelos votos, ou outros compromissos sagrados a eles semelhantes, com os quais se obriga aos três mencionados conselhos evangélicos, o cristão entrega-se totalmente ao serviço de Deus sumamente amado, de maneira que por um título novo e especial fica destinado ao serviço do Senhor. Já pelo Batismo, morrera ao pecado e fora consagrado a Deus; mas, para poder recolher frutos mais abundantes da graça baptismal, pretende libertar-se, pela profissão dos conselhos evangélicos na Igreja, dos impedimentos que o poderiam afastar do fervor da caridade e da perfeição do culto divino, é consagrado mais intimamente ao serviço divino (139). E esta consagração será tanto mais perfeita quanto mais a firmeza e a estabilidade dos vínculos representarem a indissolúvel união de Cristo à Igreja, Sua esposa (CONSTITUIÇÃO *Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1977, n.44).

A Vida Religiosa Consagrada é a vivência radical do Batismo. Sobre essa prática, “No século quarto, alguns batizados, que queriam viver mais radicalmente sua fé, sem achar espaço para isso no meio da sociedade decadente, fugiram para o deserto, para viverem seu batismo na radicalidade” (KEARNS, 1999, p.17). Todavia, essa forma de vida, assumida por homens, que foram chamados de padres do deserto, foi atraindo discípulos, e assim foram se constituindo, ou começando as primeiras comunidades religiosas, que logo assumiram a forma de monasticismo oriental e depois ocidental. Portanto, fica claro, que a origem da vida Consagrada Religiosa está na busca da vivência radical do Batismo: “[...] no tocante a Vida Religiosa Consagrada, como estrutura, vida em comunidade, apostolado, não teria nenhum sentido se não fosse inspirado e motivado pela vivência radical da aliança do batismo” (*Ibid.*, 1999, p.19).

A Vida Religiosa arvora-se em escola de serviço aos irmãos como nessas primeiras comunidades cristãs. Mesmo as ordens mais severas e contemplativas, não tiram de seu

⁷ *Dicionário da Vida Religiosa Consagrada* (ANGEL A. RODRIGUEZ; JOAN C. CASAS, 1994).

horizonte a ajuda aos irmãos, quer através da oração constante, quer através do aconselhamento e outros meios acessíveis. Por isso, a missão daquele que foi consagrado por Deus é de suma importância.

Na carta de abertura para o *Ano da Vida Consagrada*, em 2014, o Papa Francisco, lembrando a *Vita Consecrata* de João Paulo II, de 1996, interpela de modo direto e prioritário a Vida Consagrada no sentido de uma recepção fiel e criativa:

Faço votos de que a reflexão prossiga visando ao aprofundamento do grande dom da Vida Consagrada na tríplice dimensão da consagração, da comunhão e da missão, e que os consagrados e as consagradas, em plena sintonia com a Igreja e seu magistério, encontrem novos estímulos para enfrentar espiritual e apostolicamente os desafios que forem surgindo (*VIDA CONSECRATA*, 1996, 13).

Por fim, o Consagrado Religioso é aquele que se envolve com o ser humano em sua totalidade, desde o seu ambiente à sua relação com o sagrado:

Procura um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a lógica utilitarista e individualista, que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos. (D. APARECIDA, 2007, n. 471 e 473).

Em síntese, o Consagrado é aquele que por meio dos Conselhos Evangélicos vive radicalmente o Evangelho de tal forma que a sua vivência tornou-se - um estilo de vida própria-, específica, na Igreja. Assim classificou o Papa Francisco em sua *Carta Apostólica às pessoas consagradas* para o Ano da Vida Consagrada (2014, n.27). “Os conselhos evangélicos são apresentados com acentos inovadores, como projeto existencial assumido com modalidades próprias e com uma radicalidade particular de imitação de Cristo”. A esse estilo de vida a Igreja chamou de Vida Religiosa Consagrada.

1.4 O profetismo como vivência indispensável ao religioso(a) consagrado(a)

Partimos da premissa de que todo batizado, portanto, consagrado, é profeta⁸, sacerdote⁹ e rei¹⁰, “[...] Cada um deve santificar Jesus dentro do coração e dar testemunho de Cristo com espírito de profecia [...]” (SECONDIN, 1997, p. 298).

⁸ **Profética.** O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15) (LUMEN GENTIUM, n. 12).

⁹ **Sacerdócio comum dos fiéis:** Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cfr. Hebr. 5, 1-5). **5 Rei.** Participamos da missão de Jesus Cristo enquanto Rei na função real de Cristo, Rei e Senhor do universo, que se fez o servo de todos, pois “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate pela multidão” (Mt 20, 28). Para o cristão, reinar é servi-Lo, em especial nos pobres e nos que sofrem, nos quais a Igreja reconhece a imagem do seu Fundador pobre e sofredor. O povo de Deus realiza a sua dignidade real na medida em que vive de acordo com esta vocação de servir com Cristo. (Idem. 10).

Porém, para aqueles que assumiram a radicalidade do Evangelho por meio dos votos de obediência, pobreza e castidade, essa tríplice dimensão é assumida com maior afinco e evidência, como é o caso da Vida Religiosa Consagrada. Esta dimensão Profética se torna inerente ao consagrado e sem a qual não existe Vida Religiosa Consagrada.

Nesse contexto, o Religioso Consagrado deve ter a consciência de que é chamado a ser profeta. Segundo Kearns (1999, p.29), “[...] Cada Consagração Religiosa foi fundada sobre um anúncio profético do Evangelho”. Ainda na ótica de Kearns, “a sincera vivência do Primado Absoluto na Igreja transformava os Consagrados em “profetas do reino” [...]. O religioso cumpre o dever profético de ser memória da Igreja ou a consciência da Igreja [...]” (1999, p.30).

Para Secondin (1997, p.89),

A primeira vez em que um documento pós-conciliar fala *expressis verbis* do caráter “profético da vida religiosa” é em RPU 4^a. Este texto fala do “tornar-se comunitariamente sinal profético” (RUP) de da “dimensão profética” (RUP *Introdução*). “Porém, todo o texto está de modo particular impregnado dessa preocupação de dar” um impulso a uma participação crescente e operosa da vida consagrada” - como sinal de escolhas às alturas dos “sinais dos tempos” – “às necessidades dos seres humanos, aos seus problemas, às suas buscas [...].

Na mesma linha de pensamento, escreve Iglesias que o profetismo “não é um ministério apenas para alguns, mas condição essencial, pessoal, de todo cristão e da comunidade cristã e nela, particularmente da Vida Consagrada, simplesmente porque é uma dimensão constitutiva da fé. Uma fé que não se “profetiza” não é fé. Ou é pouca fé” (2001, p. 48-49).

O Papa Francisco falando da Profecia e querendo chamar a atenção da Vida Consagrada, em sua *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas* (2014, n.27), diz:

A profecia do Reino não é negociável. A ênfase deverá cair sobre os profetas, e não em brincar de sê-los. Naturalmente, o demônio nos apresenta suas tentações, e uma delas é: apenas parecer sermos profetas. Porém, não se pode jogar com estas coisas. Eu mesmo tenho visto coisas tristes a esse respeito. Os religiosos e as religiosas são homens e mulheres que iluminam o futuro.

Nas palavras de Pikaza (1982, p.78), “a Vida Religiosa Consagrada pode ser condensada a três níveis de atuação: a) oferecer o testemunho de sua fé; b) sua vida é sinal do Reino que se aproxima; c) suas atividades concretas atestam a força desse Reino”. Para o mesmo autor, a ação profética é revelada com a própria vida, diz ele:

Profeta é a pessoa que revela com a sua vida e a sua palavra a exigência da graça e da justiça de Deus para os homens. [...] (1Cor 12ss; Mt 10, 41; 23, 34.37) assinalaram a função original dos profetas na Igreja; função de concretizar os elementos do Reino que se aproxima e de mostrar a direção de sua busca no mundo. A esse nível de profecia pertence de modo essencial a toda vida religiosa (*Ibid.*, p.80).

De fato, é indispensável uma ação efetivamente profética de todos cristãos batizados, mas, sobretudo, dos Religiosos Consagrados, a fim de iluminar e resgatar os valores fundamentais da vida humana. O Religioso, vivendo profeticamente sua consagração religiosa, convida e anima outros cristãos a viverem radicalmente a aliança batismal.

Para Pikaza, “A Vida Religiosa se mostra como uma força crítica a Respeito deste mundo e como sinal de valor e da presença do Reino de Deus entres os homens”. (1982, p.82). E acrescenta Pikaza citando Leonardo Boff: “[...] A Vida Religiosa é chamada a testemunhar um Deus questionador da situação de desumanidade que contradiz seu plano salvífico que é de amor, de solidariedade, de fraternidade e de justiça entre os homens [...]” (*Ibid.*, p.82).

Assim se percebe o quanto é valiosa a missão profética da Vida Religiosa Consagra. Se é verdade que o Religioso se apresenta como um sinal da presença de Deus e de seu Reino de Amor, é também verdade que os cristãos o vê como um sinal de encorajamento para se libertar de toda espécie de escravidão, como afirma (KEARNS, 1999, p. 28),

Os membros da Igreja têm o direito de olhar para os religiosos Consagrados a espera de ânimo e coragem para a vivência de sua consagração batismal. Também os religiosos, fiéis a sua vivência de Consagração, têm o direito de questionar os membros da Igreja sobre as suas obrigações batismais. O resto da Igreja tem o direito de olhar para os profetas esperando receber direção, animação e questionamento. Assim assumimos a dupla dinâmica da profecia, anunciamos e denunciemos [...].

Todavia, parece óbvio que não pode haver Vida Religiosa Consagrada sem que haja o exercício da profecia. Entretanto, existem Consagrados que julgam a profecia como algo superado:

Muitos cristãos consideram superada a mensagem dos profetas porque lhes parece por demais material, por demais preocupada com o mundo. O Novo Testamento, pelo contrário, adota, segundo eles, posicionamento mais espiritual e escatológico. O importante não é esta vida, senão o bem supremo do reino dos céus. Por isso são “bem-aventurados os pobres”. E as diferenças sociais não têm importância, são transitórias (como demonstra o caso de Filêmon e Onésimo). Ademais os pobres devem confiar na providência, como disse Jesus (Mt 6,25-34). Os que pensam dessa forma defendem obras de caridade, mas recusam-se obstinadamente ao ouvir falar de justiça, reivindicações, direitos. Por outro lado, nessa

mentalidade é fácil compaginar a caridade com a abundância de bens (SICRE, 199, p. 21).

Por outro lado, é bom que se diga que não são poucos os religiosos que assumiram essa postura de negar a sua condição de profeta. Para Iglesias (2001, p.43), citando o Papa João Paulo II:

Somos, de fato, uma Igreja praticamente profética. Cabe à Vida Consagrada “uma não pequena parte dessa escassez”. Outro ainda afirma: “A consciência social e política dos religiosos declina [...] Consta-se uma perda de garra no compromisso, um esfriamento do discurso libertador, uma retirada das comunidades inseridas com um deslocamento da pastoral social para a pastoral litúrgico-sacramental”. (SANTOS, 2012, p.144).

Em um artigo do escritor e teólogo João B. Libânio, publicado na *Revista Convergência* (ano XLV, n. 428- Janeiro/fevereiro, 2010), ele afirma, de forma veemente, o enfraquecimento do impulso profético na Vida Religiosa, especificamente na América Latina: “O Profetismo cedeu lugar a uma acomodação generalizada”. E continua Libânio, “uma Vida Consagrada com imensa liberdade criativa em meios populares cedeu espaço para crescente ritualização religiosa e comunitária” e conclui citando o Sociólogo Religioso Benedetti, que diz:

O que chama atenção [...] é o gesto dos padres novos pelos sinais distintivos de sua condução – festas, vestes, poderes –, ausência de inquietação com relação ao destino da sociedade (e da Igreja), pouco amor (nenhum) aos estudos, nenhuma paixão ecumênica, pela justiça social. Presbíteros mais preocupados com seu caráter e poder sagrados do que com a presença significativa no mundo, com o diálogo com a sociedade, como serviço competente ao homem de hoje. (LIBÂNIO. Vida Consagrada e teologia latina-americana. Celebração da CLAR. In.:Revista Convergência, 2010, n.428, p.51).

Como se não bastasse escreveu Secondin (1997, p.90) “[...] a característica profética parece enfraquecida nesta última década, ou talvez, parece ter ficado restrita ao mundo latino, dada a preponderância da tendência restauradora ou, [...] a volta à centralidade da instituição e a neurótica preocupação da sobrevivência (institucional)”.

Com efeito, está mais que evidente a necessidade de redimensionar a importância da vivência profética na Vida Consagrada Religiosa, a fim de resgatar a vida em sua plenitude. Nas palavras de Leonardo Boff há uma exigência de assumir uma postura profética como uma posição crítica e comprometida diante das estruturas opressivas da sociedade. Todavia a grande pergunta é: como resgatar a vida em sua plenitude?

Resgatar-se-á a vida em sua plenitude, quando os valores evangélicos forem colocados em prática. Ou seja, viver o Evangelho deixado por Jesus como a máxima para

a felicidade humana. Eis a missão profética da Vida Religiosa: viver e provocar, na sociedade, a necessidade de aprender, de Jesus, a reta forma de viver como seres humanos.

Com isso está mais que claro, que a Vida Religiosa Consagrada é, antes de tudo, chamada a estar com Cristo e testemunhar o Cristo profeticamente, com a vida e ação.

[...] Na escola em que Jesus inicia e treina seus discípulos no Profetismo não existe “especialidade”. [...] Toda a sua atuação de mestre de profetas concentra-se em fazer brotar em seus discípulos atitudes de vida. Para ensinar a viver, dado que essa sua missão (nossa), não basta teorizar sobre a vida, é preciso vivê-la e dá-la vivida: “amai-vos como eu...” [...] “fazei o que me viste fazer”, “estou entre vós servindo”. Nisso está radicada toda “autoridade moral” de todas as suas palavras, pelas quais o povo admirava-o e distinguiu-o substancialmente dos Mestres da Lei (IGLESIAS, 2001, p. 56).

Pois bem, diante da realidade em que estamos vivendo, não se concebe para a Vida Religiosa fingir ou brincar de ser profeta. Tem que ser profeta, por força da própria consagração e pela exigência da própria realidade na qual essa Vida está inserida. Para o teólogo Paulo Suess, abrindo a Conferência dos Religiosos e Religiosas, em Aparecida (SP), abril 2015 e, refletindo sobre a identidade da Vida Religiosa Consagrada – que é um “sinal profético”, diz: “Os religiosos são profetas. [...] Na Igreja, os religiosos são chamados em particular a serem profetas que testemunham como Jesus viveu e que anunciam como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à profecia”¹¹.

Como muitos afirmam, vive-se, atualmente, uma cultura de morte que não cessa de crescer em larga escala, uma desvalorização do humano, ou desumanidade muito grande. Há uma substituição de valores, como escreve Santos (2012, p.199): “Assistimos na modernidade, mais do que nunca, à substituição de valores tradicionais pelas novas formas de ver a vida. Muitos valores novos vêm contaminados pelo consumo, os quais atingem o comportamento social do rebanho do Senhor” [...].

Há, portanto, um desequilíbrio em nome de uma cultura do bem-estar como descreve o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013, n.55), diz: “A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma”. E continua o Papa:

¹¹(cf.: disponível em: www.pom.org.br).

Uma das causas desta situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criámos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. *Ex* 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objectivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo (*Ibid.*,55).

Diante de tal realidade, há uma voz que clama pelo Auxílio da Vida Religiosa Consagrada operante. São gritos que não calam pedindo justiça, mãos estendidas que não se encolhem a espera de um pedaço de pão..., milhares e milhares de pessoas caminhando a passo lento para a morte... é hora de perguntar à Vida Religiosa Consagrada: aonde estão os carismas da Vida Religiosa Consagrada? Segundo Iglesias (2001, p.59), “Não são os carismas, Dom do Espírito Santo, que fraquejam, e sim os portadores”. Por isso, a Igreja exige, de cada religioso, uma missão profética. E enfatiza o autor, já citado, “não colocar ou manifestar a ação profética, no mundo e na Igreja, não é só um silêncio, mas uma covardia, um vazio a mais. É mais grave; é ante profecia”. (*Ibid.*, 2001, p.60).

Pode-se dizer que a Vida Religiosa Consagrada está diante de uma época em que a cultura de morte atinge seu ápice, os valores humanos fundamentais estão se definhando, por exemplo: a família, a vida, a dignidade, a justiça...

O Papa Francisco, referindo-se aos religiosos de Vida Consagrada afirma que, no passado, diante da crise da época, os Religiosos souberam enfrentar, com audácia, sofrimento do povo, o mal que assolava aquela gente.

[...] no final do século XX exigiu audácia e inventividade corajosa. Para isso, essa passagem de época valeu como dedicação profética, religiosamente motivada: muitos consagrados viveram com comprometimento sério e, frequentemente, também com grave risco pessoal à nova consciência evangélica de ter de ficar do lado dos pobres e dos últimos, compartilhando valores e angústias (*CARTA APOSTOLICA ANO DA VIDA CONSAGRADA*, 2014, n. 35).

Está claro que Vida Religiosa Consagrada não pode ficar no anonimato, no silêncio, não pode se acovardar, nem deixar de ser profética, seja por causa da sua Consagração, seja por causa do amor a Deus, uma vez que A Vida Religiosa Consagrada profética emerge, substancialmente, do amor a Deus.

Por fim, pode-se concluir que a Vida Religiosa Consagrada, sustentada e fundamentada na Santíssima Trindade, poderá iluminar o mundo, poderá dar um novo

sentido à vida humana, poderá abrir novos horizontes e perspectivas de vida, e vida com dignidade. É, portanto, com esse espírito de confiança e configuração na Trindade Santa, que a Vida Religiosa Consagrada vai se tornando cada vez mais sinal profético e uma ferramenta eficaz e perspicaz de resgate aos valores humanos. Ela vai se tornando uma tocha que alumia os lugares tenebrosos da vida humana e da sociedade!

1.5 Vida Religiosa Profética: ferramenta de resgate aos valores humanos

No tocante a este assunto, o ponto de partida e de chegada é Jesus de Nazaré “Verdadeiro homem¹² e verdadeiro Deus” (1Tm 2, 5). Jesus é o protótipo do homem pensado por Deus, o modelo a ser seguido pela humanidade. Para todo e qualquer referencial humano, se faz necessário, primeiramente, para o cristão, mas também para toda humanidade, Jesus de Nazaré. Assim falou o Vaticano II:

Imagem de Deus invisível (Col. 1,15) (21), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída (22), por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana (23), amou com um coração humano [...]. E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente (31). (CONSTITUIÇÃO *Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 22).

Depreende-se que é do Próprio Cristo feito homem, que se encontra o modelo para viver como humano. A problemática surge porque ser humano não acolhe, não aceita esse modelo humano, como declarou o Vaticano II:

[...] Mas, muitas vezes, os homens, enganados pelo demónio, desorientam-se em seus pensamentos e trocam a verdade de Deus pela mentira, servindo a criatura de preferência ao Criador (cfr. Rom. 1,21 e 25), ou então, vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, se expõem à desesperação final. Por isso, para promover a glória de Deus e a salvação de todos estes, a Igreja, lembrada do mandamento do Senhor: «pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc. 16,16), procura zelosamente impulsionar as missões. (CONSTITUIÇÃO *Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1977, n.16).

¹² Era conveniente que Jesus viesse ao mundo como homem; se assim não fora, não poderia sofrer e, por conseguinte, ser o Salvador da humanidade (Hb 2.1 7). Além disso, a Bíblia mostra a humanidade de Jesus, inclusive sua linhagem (Sl 22.22; Fp 2.6-11; 1 Tm 2.5; 2 Tm 2.8). Sua genealogia encontra-se em Mt 1.1-17 e Lc 3.2-38.

Perante esse contexto de inversão de valores, cuja verdade é trocada pela mentira, em que se vive uma ausência de Deus, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a atuar em sua missão profética, haja vista, ser a parta voz de Deus, que almeja aos homens que vivam na verdade.

Assim reza A Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares: Documentos sobre a Vida e a Missão dos Religiosos (1980, n.15),

A história do mundo de hoje que se encarna na existência concreta de cada homem, torna-se livro aberto para a meditação apaixonada da Igreja e de todos os cristãos [...]. Os religiosos, pela radicalidade das suas opções evangélicas, sentem-se mais profundamente visados. Compreendem que, na medida da sua "conversão" ao original projecto de Deus sobre o homem, como se revela no Homem Novo, Jesus, contribuirão para acelerar também nos outros aquela "conversão" de mentalidade e de atitudes que torna verdadeira e estável a reforma das estruturas económicas, sociais e políticas, ao serviço de uma mais justa e pacífica convivência.

Desse modo, concebe-se do religioso a imitação de Jesus, não só em palavras, mas, gestos e atitudes que revelam qual o verdadeiro sentido da vida e quais são os valores fundamentais para uma vida em plenitude. Esses ensinamentos de Jesus se protagonizam na missão profética da Vida Religiosa Consagrada.

[...] Jesus não transmite apenas uma palavra que vem de Deus: o segredo constitui a sua própria existência. A mensagem de Cristo jamais se abstrai de sua própria pessoa, assim seus ouvintes se interrogam a respeito de sua identidade. Percebem uma unidade radical entre o que ele anuncia, o Reino, e sua existência pessoal. (DUQUOC, 1977, p. 122).

Pode-se dizer que a ação aplicada para resgatar os valores fundamentais da vida humana é o anúncio da pessoa de Jesus, e uma postura semelhante a d'Ele – viver parecido com Ele – na proporção em que a pessoa de Jesus passa a ser o modelo de vida humana, o exemplo a ser imitado e seguido, conseqüentemente, os valores começam a serem mudados.

Por fim, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a viver e atualizar essa missão deixada por Jesus - reconstituir as relações do homem com Deus e com os homens – o que não é tarefa fácil! Viver essa realidade é, portanto, identificar-se com a Pessoa e a missão profética do próprio Jesus, e colocar-se a caminho da verdadeira promoção humana. Assim reza a Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* do Santo Padre João Paulo II, (n.72).

Assim, pode-se afirmar que a pessoa consagrada está em missão por força da sua própria consagração, testemunhada segundo o projeto do respectivo Instituto. Quando o carisma de fundação prevê atividades pastorais, é óbvio que o testemunho de vida e as obras de apostolado e promoção humana são igualmente necessários [...].

E mais adiante fala o Papa: “A Vida Consagrada tem a função profética de recordar e servir o desígnio de Deus sobre os homens, tal como esse desígnio é anunciado pela Escritura e resulta também da leitura atenta dos sinais da ação providente de Deus na história [...]” (*VITA CONSECRATA*, n. 73).

Evidentemente, que o Consagrado é chamado a ser um sucessor da missão profética de Jesus. Depreende-se de Duquoc (1977), que não é habitual conferir ao Cristo, o título de profeta. Ele é mais que um profeta. Afirma-se, no entanto, que ele assume as qualidades e função de profeta, pois o profeta anuncia a Palavra de Deus, Jesus é essa mesma Palavra de Deus - e é, essa Palavra de Deus, vivida e anunciada, pelos Consagrados, que resgata, muda e reconstrói o homem!

Em síntese, a missão profética é mais que uma urgência para os dias atuais, é *sine qua non* à Consagração Religiosa; é um chamado da Igreja pós-conciliar para ajudar aos homens a viver segundo a vontade e o projeto de Deus. É uma ferramenta de resgate à vida e aos valores fundamentais.

A missão profética surge como defensora dos verdadeiros valores que promovem e libertam os homens, sem se curvar diante do mal, diante de uma cultura de morte, pelo contrário, enfrenta grandes e pequenos; destruindo a raiz do mal, do pecado e da injustiça e difundindo a cultura da vida, do bem, do amor.

Assim pode-se dizer nas palavras do Concílio Vaticano II:

O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a. Ele revela-nos que “Deus é amor” (1 Jo. 4, 8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor. (*CONSTITUIÇÃO Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 38).

Conclui-se que o chamado de Deus à Vida Religiosa Consagrada é para ser profeta entre os povos, sobretudo nos lugares em que a vida não é vivida com dignidade. Como também fica claro o chamado da Igreja à Vida Religiosa Consagrada para estar em comunhão com ela e ser sinal de esperança para os povos.

SEGUNDO CAPÍTULO:

2. APONTANDO A RELEVÂNCIA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

Na primeira parte deste Artigo Científico, tratou-se do profetismo na Vida Religiosa Consagrada bem como a sua importância para a sociedade hodierna, tendo presente a relevância da dimensão profética para o resgate dos valores humanos no âmbito da sociedade como um todo.

No Brasil a Vida Religiosa Consagrada está presente em quase todos os setores da sociedade e, ainda, tem influenciado de forma relevante no processo histórico-político-social e cultural dessa nação. Considerando isso, tratar-se-á, neste capítulo, a presença da Vida Religiosa Consagrada na sociedade brasileira. Tal reflexão baseia-se na responsabilidade que a Vida Religiosa Consagrada assume perante o povo em geral, e, sobretudo, àqueles que se encontram nas “periferias existenciais”¹³.

Antes de apresentar o assunto, propriamente dito, é interessante sintetizar historicamente a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, considerando que ela é marcante na humanidade tanto quanto na Igreja como afirma Libânio (1995, p.9): “A Vida Religiosa Consagrada tem História tão longa quanto a Própria Igreja, alguns homens e mulheres procuraram viver de maneira radical o Evangelho [...]”.

No Brasil, até 1580, somente os jesuítas tinham autorização para estabelecerem-se na Colônia, mas isso mudou nas seis décadas seguintes com a chegada de algumas antigas ordens religiosas fundadas ainda no período medieval.

Muitas foram as ordens religiosas que chegaram ao território brasileiro com, basicamente, dois objetivos principais: primeiro de expandir as suas obras em novos territórios, e, segundo, de responder às solicitações dos habitantes locais, uma vez que o clero diocesano não correspondia a todas as demandas dos fiéis como afirma em sua dissertação Fábio Gumieir: *As ordens religiosas e a construção sócio-política no Brasil: Colônia e Império* (s/d).

[...] A presença da vida religiosa entre a sociedade colonial brasileira era de certa forma um consolo aos fiéis, que muitas vezes, devido à falta de padres diocesanos, ficavam devendo em suas obrigações religiosas. Estes casos eram geralmente resolvidos pelos religiosos que auxiliavam atendendo confissões e pregando nos mais longínquos lugarejos da colônia, tanto no tempo quaresmal como em outras épocas do ano,

¹³ Expressão usada com frequência pelo Papa Francisco em diversos discursos referindo-se às fragilidades humanas, principalmente, àquelas pessoas que se encontram distantes do conhecimento e/ou da prática do Evangelho.

quando organizavam incursões ao interior para pregar missões e catequizar os moradores.

Outro dado importante é a chegada das ordens femininas no Brasil, as quais desenvolveram muitas obras para atender às necessidades da vida do povo brasileiro, tanto materiais quanto espirituais. Em meio às dificuldades, as ordens femininas exerceram suas funções com maestria em um período dominado pelos homens. Uma das alternativas encontradas por elas foi a criação dos recolhimentos, conforme o modelo trazido de Portugal, em que as mulheres viviam de maneira comunitária. No entanto, não professavam votos ou tinham qualquer envolvimento canônico hierárquico. Também criaram os reformatórios que eram instituições fundadas por homens com o objetivo de correção¹⁴. (*Ibid.*)

Muitas foram as ordens religiosas que chegaram da Europa para o Brasil, trazendo novos modelos de vida religiosa feminina mais voltados ao serviço educacional e ao tratamento dos enfermos. Por exemplo, as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Irmãs de São José de Chambéry, Irmãs de Santa Dorotéia de Frassinetti, Irmãs Franciscanas da penitência e da caridade cristã, Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, entre outras, que chegam ao Brasil, num primeiro momento, a partir de meados do século XIX.

É bom lembrar que essas ordens chegadas ao Brasil encontraram resistências políticas, entre elas, destacam-se as Religiosas Dorotéias de Frassinetti, do período imperial, que, por conta dos regalistas, quase foram extintas. No entanto, resistiram, e, com a sua permanência, alargaram as portas para a entrada de novas Congregações Religiosas no Brasil.

Outro fato relevante, nesse contexto da chegada das novas congregações ao Brasil, foi a inserção de um novo modelo de vida religiosa, não mais centrado nas regalias, mas no serviço aos mais necessitados.

2.1 Vida Religiosa Consagrada: um Tesouro para a Igreja

Para bem entender o quanto a Vida Religiosa Consagrada é importante para a Igreja, o Vaticano II, em sua Constituição dogmática *Lumen Gentium* dedica o capítulo VI aos religiosos, enquanto o Decreto *Perfectae caritatis* é todo dedicado à renovação da Vida Religiosa Consagrada, acentuou sua essência que é a vivência dos conselhos evangélicos.

Para Libânio (1995, p.106) existe uma relação simbiótica entre Vida Religiosa Consagrada e a Igreja.

¹⁴ Educar para os valores humanos.

A Vida Religiosa nasce da vitalidade da Igreja e existe para robustecer-lhe a vida. O Concílio Vaticano II situa-a no coração mesmo do mistério da Igreja, como sacramento fundamental de santidade e salvação. No movimento chamado de todos batizados à santidade, a Vida Religiosa pretende enfatizar, viabilizar, radicalizar tal vocação, de modo que ela se faz sacramento do sacramento da salvação universal da Igreja. E essa mais clara sacramentalidade por parte da Vida Religiosa se realiza através de sua dimensão escatológica e de serviço aos homens, ao mundo, à Igreja. Nisso a Vida Religiosa atualiza o Evangelho, criando sempre novas formas de seguimento de Cristo.

Em síntese, pode-se dizer que a Constituição dogmática LG e o Decreto conciliar PC abrem espaço para a vida religiosa consagrada viver o Evangelho em meio ao mundo, sendo sinal profético e somando junto a todo bem que a Igreja de Jesus Cristo opera no mundo. Outros documentos do Magistério foram sendo escritos sempre colocando a importância da Vida Religiosa Consagrada para a edificação do Reino de Deus, é o caso da Exortação Apostólica de Paulo VI *Evangelii nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, de 8 de dezembro de 1975 e Exortação Apostólica pós-sinodal “*Vita Consecrata*” de João Paulo II (1996) que enfatizam o valor da importância da vida religiosa.

As encíclicas supracitadas colocam a Vida Religiosa Consagrada como aquela capaz de ativar a vida da Igreja, pelo seu testemunho de fraternidade, solidariedade e evangelização.

Foi reconhecido pelo Papa João Paulo II, na sua Exortação apostólica pós-sinodal “*Vita Consecrata*”, que a Vida Religiosa Consagrada não poderá faltar nunca à Igreja, como um de seus elementos irrenunciáveis e característicos, como expressão de sua mesma natureza (n. 2). Portanto, “É sinal eloquente e modelo de comum unidade com a Igreja, com o próprio carisma e com outras formas de vida, aprofundando uma eclesiologia de comunhão. Somente vivendo uma comunhão eclesial é possível desenvolver uma espiritualidade de comunhão”. (*Ibid.*, n.2).

Na mesma linha da Exortação, declara Félix A. Pastor:

Hoje não mais se pensa a vida religiosa isolada do contexto eclesial ou sem levar em consideração a particular relevância de sinal de esperança escatológica que lhe é própria. [...] a vida consagrada não é mais considerada um fato individual ou meramente canônico. O testemunho de vida e de ação da vida consagrada no seio da comunidade eclesial é apreciado teologicamente em todo seu valor [...] (PASTOR, 1982, p.17).

Nas Palavras do Papa João Paulo II, a Vida Religiosa Consagrada aparece como um dom dado à Igreja. (n. 52). Ela está em uma posição central, atuando como um elemento decisivo para sua missão. Indica a natureza íntima da vocação cristã. É uma vida que dá o

perfume (n. 104) à Igreja. Esta é, portanto, adornada com a preciosidade que é a Vida Religiosa Consagrada.

Segundo Félix A. Pastor pode-se dizer teologicamente que: “A Vida Religiosa Consagrada é uma realidade Eclesial que subsiste em diferentes grupos, todos eles coincidentes em ser, de algum modo, de natureza carismática, diaconal e missionária” (1982, p.25). Todavia, essa diaconia acontece no interior da vida eclesial.

Com efeito, a “Vida Religiosa Consagrada está no centro da Igreja para, dentro dela, ser e formar comunhão. Ela é um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG, n. 4).

Muitos são os documentos que assinalam o Vaticano II como o início de uma nova etapa. Fruto disso é que a Igreja se reconhece melhor que antes. É uma Igreja animada e impulsionada pelo Espírito Santo. Pela profissão dos conselhos evangélicos, a Vida Religiosa está firmemente relacionada à vida e a santidade da Igreja (LG 47).

Nas palavras de Félix Pastor (1982, p.19) “Se carisma é dom de Deus para o bem da comunidade eclesial, e vocação é dom, e a Vida Consagrada é impensável sem uma íntima relação com a Igreja, então deverá concluir que a Vida Consagrada pode se qualificar realmente como carismática”.

Como já foi mencionado no primeiro Capítulo, a sociedade atual se encontra em um mundo, onde os valores do Reino se tornam cada dia mais confusos e menos vividos. A Vida Religiosa Consagrada é chamada a gerar fraternidade universal, ajudar a salvar a humanidade da tentação do isolamento e de todo tipo de pecado. Por isso, eis a importância de sua atuação e testemunho à sociedade Brasileira. A Vida Consagrada “é chamada a oferecer ao mundo, descrente e complicado, com urgência e humildade, a experiência de Deus em uma Igreja sedenta do Absoluto” (*EVANGELLI NUNTIANDI*, n. 69).

Hoje mais do que ontem, a Igreja precisa da presença Religiosa em todos os ambientes da sociedade. Secondin (1997, p.10), falando sobre a Vida Religiosa Consagrada, no Sínodo dos Bispos de 1994, afirma,

Ficou claro que os consagrados são chamados para serem testemunhas de Deus no âmbito do mundo, no “deserto”, ou seja, nos lugares em que não há marcas de Cristianismo, na “periferia”, isto é, nos lugares em que se experimenta a pobreza e se compartilha a necessidade do povo, nas “fronteiras”, ou seja, nas situações difíceis em que é arriscado anunciar o evangelho. A partir de uma opção evangélica e preferencial pelos pobres, os consagrados são chamados a ser artífices e promotores da paz, justiça e cultura.

Nesses ambientes periféricos, pode-se destacar a importância profética da Vida Religiosa Consagrada, que, comprometida com o evangelho, não se esconde ou foge ao perigo. Ela tem o dom do martírio. Se junta ao grito de tantas vozes que clamam por

justiça, pão e paz. Compromete-se com a realidade que a circunda. É profeta de um mundo novo e agente de uma história em que sejam vividos os valores evangélicos (n. 84).

Enriquecida com a sua participação, ação e comunhão com a Igreja. A Vida Religiosa Consagrada, no decorrer dos anos e dos séculos, sempre revelou e revela pessoas, individualmente, ou, grupos - que vivem de forma profética -, procurando imitar o próprio Jesus Cristo no seu estilo de vida generoso. Os anos e os séculos passaram e ela sempre continuou a ter sua importância fundamental na sociedade e na Igreja.

Assim sendo, pode-se conceber que esse dom de Deus é para ser explorado em favor do povo, sobretudo, o povo sofrido em todos os aspectos. Por isso, é tão relevante a presença da Vida Religiosa na Sociedade como ferramenta de resgate. Evidentemente, que é uma forma de viver a vida humana como foi pensada por Deus. Assim se expressou a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), por ocasião dos 50 anos de sua existência,

A Vida Religiosa é um modo de viver a vida humana que se realiza sempre dentro de uma sociedade [...]. O seguimento de Jesus na Vida Religiosa realiza-se pela consagração de uma vida ao serviço de Deus para ser ela mesma reveladora de um sentido a ser comunicado à sociedade a fim de que a história seja transformada em Reino. Aqui reside a importância significativa da vida religiosa na sociedade. Ao longo dos seus quase bilênios anos de existência, a vida religiosa, em todo os tempos, manteve vivo o seu braço social, ou seja, a interação com a sociedade [...] (CRB, PALESTRA DA XX AGO, 50 CRB-1954-2002, 2004, p. 80).

Por fim, pode-se concluir que a Vida Religiosa consagrada é um tesouro que enriquece a Igreja e o mundo. Pois, como se sabe, com seus diversos carismas, ela tem iluminado a história da Igreja e do mundo com seu testemunho radical do Evangelho, com o anúncio do Reino de Deus e com a sua presença no meio do povo, sobretudo nos lugares difíceis.

2.2 A Vida Religiosa Consagrada no Brasil e a sua missão¹⁵

Que a Vida Religiosa Consagrada tem grande importância para a Igreja não é novidade para os fiéis católicos e até mesmo para alguns não católicos. Mas, o que ela representa, de fato, para a sociedade brasileira atual?

Segundo Secondin (1997, p.19),

A Vida Consagrada não é um mundo à parte que, de uma forma misteriosa, cai diretamente do céu sobre o caminho percorrido pelos seres humanos. Não é de modo algum, um produto “celestial”, manufaturado

¹⁵ Entenda-se missão nesse contexto, não apenas como o fazer, mas antes de tudo, a experiência com Deus. Uma prática teológica.

fora da história, que precisa conservar forma estabelecida como se fosse uma realidade santa e intocável. A Vida Consagrada, em vez disso, é construída, e vai se construindo de modo contínuo, no interior da trajetória eclesial, dos períodos culturais, da história dos seres humanos em carne e osso.

Partindo da verdade que a Vida Religiosa Consagrada nasce de uma profunda experiência de Deus e encontra seu sentido, exatamente, na configuração com Deus, logo podemos depreender dessa experiência um apaixonamento por Deus, em primeiro lugar, e, conseqüentemente daí, nasce o serviço aos irmãos. Dessa fusão do amor a Deus e aos irmãos, pode-se avaliar e responder qual é o valor da Vida Religiosa Consagrada no Brasil. Nesse sentido, comenta Libânio:

[...] os amores de Deus e do próximo fundem-se em identidade profunda. Deus transcendente não pode ser atingido como um objeto a mais e separadamente na lista dos objetos de nossas ações. E como esse amor só existe entre as pessoas, Deus se faz presente no amor ao irmão. “A ágape cristã é simultânea e necessariamente a Deus e os irmãos”. (1995, p.17).

Todavia, esse serviço aos irmãos, que se realiza sensivelmente, repercute na sociedade como algo bom e necessário. Escreve Kearns (1999, p.37):

A comunidade religiosa tem por finalidade amar e servir não só a Deus, mas a todos que aparecerem em sua frente. Servem em primeiro lugar dentro da própria comunidade. Amar e servir os coirmãos de comunidade. Deve ser um amor autêntico e profético. É um amor que deve ser recíproco. E um segundo momento é um serviço para fora da comunidade religiosa. Na tentativa de imitar o amor trinitário, precisa sair de si para criar, para servir, para amar. A comunidade deve buscar meios de servir aos filhos de Deus na Igreja e no mundo [...].

Na América Latina, vale a pena ressaltar a grandiosa contribuição da Vida Religiosa Consagrada no processo de Libertação¹⁶ (do ponto de vista teológico) do Povo na América Latina nas décadas 60 e 70, motivada pelo Concílio Vaticano II. Durante esse período, várias congregações quebraram fortes estruturas institucionais: o hábito religioso foi substituído pelo traje civil, promoveu-se a organização de religiosos em pequenas comunidades, facilitou-se o acesso de religiosos a cursos superiores fora de seus próprios estabelecimentos, o ingresso de negros à vida religiosa.

Segundo Secondin (1997, p.265),

¹⁶ Entenda-se aqui libertação no sentido teológico da palavra, isto é, liberdade ou libertação - protologia e escatologia. É a primeira palavra que Deus disse sobre o homem, que será também a última. A fonte dessa liberdade se encontra na autocomunicação de Deus ao homem em vista de uma comunhão íntima de amizade entre ambos. E, nesse sentido, a libertação busca criar condições sociais, humanas para que as pessoas vivam em verdadeira comunhão com Deus e entre os homens. (Libânio, 1995).

O novo paradigma desmistifica a elaboração acadêmica com a sua preocupação intelectual, e cria novas abordagens da “verdade”, começando pela vida cotidiana e pela luta pela vida e libertação. Em sua essência, é um caminho mais de espiritualidade do que teoria. Caminho bastante inovador no que se refere à teologia do próximo milênio.

Para ele “a Vida Consagrada passou diretamente por essa prova”, todavia, a sua perspicácia foi se inserir no meio da sociedade.

[...] não se trata tão-somente de um deslocamento de uma parte para a outra. Trata-se de todos os valores e pontos de referência que vêm sendo profundamente recuperados, a partir da visão que se tem dos pobres e do testemunho de Jesus, amigo dos pobres e Salvador mediante a pobreza total. (*Ibid.*, 1997, p.265).

Dentro do contexto de opressão ocorrida na América Latina, a Vida Religiosa Consagrada é interpelada a agir segundo a sua origem que emerge como uma resposta contra a mundanização da Igreja, como afirma Libânio (1995, p.30): “A Vida Religiosa está a nascer, como um protesto contra a mundanização da Igreja, contra a alienação com o Império, não tanto por razões políticas, mas pelo que isso significou para a Igreja”.

Hoje, com o alvorecer do Vaticano II, que afirma: a missão cristã é a missão de seguir o evangelho, torná-lo presente na sociedade, é uma missão de todos os cristãos sem distinção, e há uma dignidade de todos pelo batismo e todos participam de um sacerdócio comum, todos são chamados a prestar culto a Deus, a prestar serviço à sociedade em igual medida. Com maior responsabilidade, atuam os Religiosos de Vida Consagrada, inclusive arriscando a própria vida.

Nas palavras de Secondin (1997, p.153), referindo-se a missão profética da Vida Religiosa Consagrada, diz:

[...] além do chamado ao protagonismo ativo dos religiosos e dos esforços ao respeito pela “riqueza dos diversos carismas”, parece-me que deve ser sublinhado o chamado às situações que envolve risco e que se referem ao martírio em meio à solidariedade libertadora. É uma menção que facilmente pode ser aplicada na América Latina aos “mártires” já conhecidos [...].

Muitos conhecem o que ocorreu na América Latina nas décadas de 60 e 70. Uma teologia com forte expressão de libertação, que insistia que a luta de classes é um fato ao qual é impossível permanecer-se neutro. O texto-chave dessa abordagem foi a “Teologia da Libertação” (1975), de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano, e Leonardo Boff, teólogo brasileiro.

Posteriormente, despontaram, para ratificar esses princípios, duas Conferências Episcopais Latino-americanas: Medellín (1968) e Puebla (1979). A Teologia da Libertação

proclamava a “opção preferencial pelos pobres”, indicando ampla solidariedade para com as vítimas da opressão, pela adesão às suas lutas e emancipação de uma prática comprometida.

Devia-se descobrir a realidade do mundo e do cristianismo, não em meditações metafísicas ou doutrinárias, mas no compromisso prático com as lutas dos oprimidos. Às propostas do Vaticano II de estar no mundo e despojar-se dos privilégios do poder eclesial, somaram-se as bandeiras da Teologia da Libertação. Essas ideias foram incendiando a Vida Religiosa Consagrada dos anos 60 e 70.

Para Libânio,

A Vida Religiosa Consagrada na América Latina cultivou a experiência de Deus nos pobres em busca da libertação [...] aparece cada vez mais claramente para os religiosos da América Latina a profunda e intrínseca referência da Experiência fundante de Deus à realidade dos pobres concretos do continente. O contexto dos pobres torna-se a mediação privilegiada e necessária de qualquer autêntica experiência de Deus. Sem referência a esses pobres, o Deus de Jesus Cristo não se deixa perceber, tal é o compromisso com os pobres. (1995, p.49).

Para os Religiosos Consagrados essas ideias traduziram-se numa profunda aspiração por uma vida comunitária mais evangélica, e num questionamento quanto à educação das elites em seus colégios, aos atendimentos nos hospitais e à assistência nas obras sociais. Uma nova visão teórica e prática da Vida Religiosa Consagrada exigia um aprimoramento do senso crítico, especialmente quanto às questões históricas, políticas e econômicas.

Pode-se dizer sem delongas que nesse contexto da América Latina, a Vida Religiosa Consagrada atuou profeticamente, sendo ela intermediária entre Deus e seu povo, entre os pobres e os poderes constituídos, ela lutou e agiu com um testemunho profético de múltiplas maneiras: exortando, anunciando, protestando, julgando, consolando, animando...

Assim, as congregações religiosas caracterizaram um novo rosto, reforçaram a inserção nos meios populares, descobrindo novas formas de evangelização e expandindo sua presença para regiões pobres. Por outro lado, estabeleceram também seu campo na educação formal como processo de libertação integral, transformação social e construção de outro modelo de sociedade.

O contexto social da época contribuiu expressivamente para tudo isso: a Revolução de Cuba, a Guerra Fria, a vitória de Allende no Chile e do sandinismo na Nicarágua, os movimentos revolucionários dos anos 60, os hippies, a nova sexualidade, os Beatles etc. As transformações atingiram todos os aspectos da Vida Religiosa Consagrada – a vida

afetiva da comunidade, os votos, a missão e a produção criativa de trabalhos. Os religiosos entraram na vida do povo, o povo também entrou na vida da comunidade religiosa. Essa interação ajudou a desenvolver, entre as partes, o espírito de coragem, luta, perseverança, confiança, aprendizado da convivência com o conflito e ajuda mútua.

Hoje, portanto, há um compromisso assumido pela Vida Religiosa na América Latina e no Brasil, sobretudo, com o povo e, especialmente com os pobres. É o que diz a CRB:

No Brasil, a VRC estimulada pelo Vaticano II, Medellín e Puebla, tem mostrado um outro rosto de compromisso com os empobrecidos tem sido não só uma romântica opção, mas um compromisso que a tem levado ao testemunho do martírio. [...] o braço social da VRC tem sido marcado pela opção pelos pobres até a inserção no meio deles e suas consequências [...] (CRB, PALESTRA DA XX AGO, 50 CRB-1954-2002, 2004, p.82).

Poderíamos até dizer, que a Vida Religiosa Consagrada tem buscado abraçar, sobretudo no Brasil, o projeto de Cristo. Uma de suas grandes virtudes é ter desenvolvido uma mística, que não se limita a ação – práxis-, nem à comodidade, mas na automanifestação de Deus em Jesus Cristo.

Segundo Libânio (1995, p.76),

Religiosos e religiosas assumem uma vida cada vez mais inserida, provocados pelo fato brutal da pobreza, da miséria, da marginalização de milhões de irmãos homens e mulheres na América Latina. A irrupção do pobre na história, o clamor cada vez mais impressionante “de um povo que sofre e que reclama por justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e do povo” tocaram o coração e os ouvidos dos religiosos. Resolveram aproximar-se do povo em desejo de comunhão de vida e para isso implantaram suas casas no meio deles.

A Vida Religiosa Consagrada tem consciência de que os anjos não podem realizar a missão para a qual ela foi chamada. Por isso, vendo o clamor dos pobres por Justiça “subiu-lhe a cabeça o sangue ardente do Evangelho que protesta contra o esmagamento dos filhos de Deus” (*Ibidem*, n.79). A presença da Vida Religiosa Consagrada na sociedade, seu jeito de viver e agir, é, sem dúvida, uma presença também política, que vai rompendo com as cadeias aristocratas e burguesas, uma vez que a Vida Religiosa Consagrada se posiciona ao lado da classe pobre e sofredora, sensibilizando-se com ela. Pode-se dizer que essa força contrária vai criando novos elementos de combate à dominação, gerando um novo horizonte para a classe pobre e injustiçada.

Em conclusão, pode-se considerar que toda contribuição da Vida Religiosa Consagrada ao mundo, à Igreja, à sociedade e o Brasil é viver e atualizar a prática de Jesus. Assim, a missão da Vida Religiosa só tem sentido porque se define a partir de Cristo, de modo que toda missão da Vida Religiosa deve partir do Cristo e se encerrar no Cristo.

Nesse âmbito, ninguém pode negar a missão salvadora da Vida Religiosa Consagrada na sociedade brasileira e no mundo. Não foi por acaso que a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975 do Papa Paulo VI, dedicou com exaltação o n.69 a Vida Religiosa Consagrada. Assim se dirigiu o Papa:

Os religiosos, por sua vez, têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças. Eles são, enfim, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos este seu testemunho silencioso, de pobreza e de despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se, ao mesmo tempo uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores. [...]. Graças à sua consagração religiosa, eles são, por excelência, voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra. Eles são empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam forçosamente admiração. Depois, eles são generosos: encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito!

Diante de tamanha grandeza que é a Vida Religiosa Consagrada, esta, portanto, jamais pode se calar, deixar de ser uma voz profética, sobretudo, no Brasil, uma vez que o próprio Deus a escolheu para veículo de Sua misericórdia no mundo, sobretudo, na sociedade brasileira por todos aqueles que ela encontra em seu caminho. Pode-se dizer com as palavras do Sínodo (2004), sobre a vida Religiosa Consagrada, que os desafios que a sociedade apresenta hoje “é apelo de Deus” à Vida Religiosa Consagrada. Esta é consciente de que Deus a elegeu para tal missão: agir ativamente de acordo com o plano de Deus na história da humanidade.

Em suma, a Vida Religiosa Consagrada tem uma missão, que é profética, sendo uma extensão do Evangelho de Jesus Cristo, presente e operante na vida do povo ontem e hoje. Os religiosos são chamados e escolhidos por Deus para enfrentar os novos desafios, olhar para a história com um olhar verdadeiramente profético. Buscando, cada vez mais ser instrumento de Deus ao serviço da libertação e da promoção humana, principalmente dos pobres e marginalizados.

CONCLUSÃO

Com o presente artigo, notou-se a relevância da missão profética da Vida Religiosa Consagrada no Brasil, como também na Igreja e no mundo. Uma vez que a Vida Religiosa Consagrada é concebida, sobretudo, como um testemunho corajoso da aliança de Deus com os homens e da presença de Deus no mundo.

Confiante do seu chamado da parte de Deus, os Religiosos assumem a vivência radical do Evangelho por meio dos conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência, que os tornam diferentes, ou seja, com um estilo de vida dentro da Igreja.

“A consagração é, portanto, a ação divina que leva o consagrado à plena doação de si mesmo como sacrifício oferecido a Deus”. E, ainda, “É uma iniciativa de Deus, que radicaliza no indivíduo a sua posse. [...] Daí deriva que a Vida Religiosa é, [...] *un signe dressé* (um sinal elevado) diante do mundo, ao passo que a vida dos leigos é *un signe immergé* (um sinal) imerso no mundo.” (SECONDIN, 1997, p.55).

Assim, percebe-se que a Consagração Religiosa é dom e iniciativa de Deus, que realiza esta consagração para um serviço, uma missão — que esta pesquisa denominou de: **missão profética da Vida Religiosa Consagrada** —. Tendo presente que, desde a sua origem, a Vida Religiosa Consagrada já arvorece em escola de serviço aos irmãos. Mesmo as ordens mais severas e contemplativas, não tiram de seu horizonte a ajuda aos irmãos, quer através da oração constante, quer através do aconselhamento e outros meios acessíveis. Por isso, a missão profética daquele que foi consagrado por Deus é de suma importância.

A pesquisa revelou de forma enfática o profetismo na Vida Religiosa Consagrada como uma ferramenta indispensável à Vida Religiosa para o resgate dos valores fundamentais da vida humana. Ela contém o anúncio autêntico da pessoa de Jesus, levando o consagrado a assumir uma postura semelhante à d’Ele. Essa postura vai atraindo outras pessoas a viverem de forma semelhante a Jesus, ou melhor, a assumir os valores do Homem Jesus de Nazaré e, ainda, denunciando, todo e quaisquer elementos contrários à Vida e à dignidade do homem. Assim sendo, ela atualiza a missão deixada por Jesus: reconstituir as relações do homem com Deus e com os homens.

No desenrolar desta investigação, ficou claro que a Vida Religiosa Consagrada é interpelada pela sociedade em geral a dar uma resposta aos fiéis, mas, também, a todos que os circunda, sobre a desvalorização da vida e do humano, a perda de valores fundamentais, como o direito de nascer, de viver e morrer com dignidade.

Eventualmente, diante dessa realidade, a Vida Religiosa Consagra tem o dever de manifestar uma postura autenticamente profética, embasada na pessoa de Cristo, para ser capaz de dar uma resposta diferente e eficaz para a sociedade e para mundo. Em outras palavras, olhar à história, à humanidade pela ótica divina e orientá-la para Cristo, refazendo, ou estabelecendo, o diálogo entre Deus e o homem, entre Deus e a História.

Por essa razão, a Vida Religiosa Consagrada não pode, em hipótese alguma, deixar de ser profética, de estar no meio do povo. Ela é um sinal do Reino de Deus e mostra que Deus está com o seu povo, preferencialmente com os pobres. “Os religiosos não se isolam do mundo, antes, porém, com suas vidas mediante os testemunhos. Eles, de modo especial, são úteis à história dos seres humanos e para edificar a cidade terrena, edificar a humanidade” (*Lumen Gentium* n.46).

A presença profética da Vida Religiosa Consagrada é uma ferramenta eficaz para resgatar os valores fundamentais da vida humana. Seu modo de viver os Valores evangélicos, na sociedade, por meios dos votos, provoca a necessidade de aprender de Jesus a reta forma de viver como seres humanos.

Por outro lado, sustentada e fundamentada na Santíssima Trindade, a Vida Religiosa Consagrada poderá iluminar o mundo, poderá dar um novo sentido à vida humana, poderá abrir novos horizontes e perspectivas de vida, e vida com dignidade humana.

Outro aspecto salutar da atuação profética da Vida Religiosa Consagrada é o seu chamado urgente pela Igreja pós-conciliar para ajudar aos homens a viver segundo a vontade e o projeto de Deus. Considerando que tal missão surge, ainda, como defensora dos verdadeiros valores, os quais promovem e libertam os homens, sem se curvar diante do mal, diante de uma cultura de morte. Pelo contrário, enfrenta grandes e pequenos, destruindo a raiz do mal, do pecado e da injustiça para difundir a cultura da vida.

Pode-se notar a importância da Vida Religiosa Consagrada na sociedade em geral, e, sobretudo, na Igreja. Na sociedade brasileira, os religiosos desempenharam papéis relevantes desde o Brasil Colônia aos dias atuais. Sejam as ordens masculinas, sejam as ordens femininas, ambas foram importantíssimas na história e na vida do povo brasileiro.

Todavia, a Vida Religiosa Consagrada sempre procurou estar ao lado dos mais empobrecidos, sendo, para esses, uma voz defensora entre eles e as instituições ou sistema opressores da sociedade.

No Brasil a Vida Religiosa Consagrada, comprometida com o evangelho, se juntou ao grito de tantas vozes que clamam por justiça, pão e paz. Comprometeu-se com a realidade que a circunda. Assegurada com a sua participação, ação e comunhão com a

Igreja, tem procurado imitar o próprio Jesus Cristo no seu estilo de vida, consciente de que ela é dom de Deus, dado à Igreja, e que esse dom é traduzido e manifestado dentro da Igreja em favor do mundo e com a missão de iluminar o mundo.

Por fim, pareceu justo afirmar, depois da pesquisa bibliográfica, sobre o profetismo e sua relevância na Vida Religiosa Consagrada, que é sumamente importante a atuação profética da Vida Religiosa hoje. É tão importante a desenvoltura da atuação profética na Vida religiosa, a ponto de alguns teólogos e documentos da Igreja, afirmarem que não há vida religiosa sem profecia, mesmo aquelas Congregações contemplativas, porque, finalmente, a dimensão profética é parte inerente e, portanto, essencial, à Vida Religiosa Consagrada.

Também é igualmente importante e verdadeiro salientar que o Profetismo na Vida Religiosa Consagrada tem como meta levar a sociedade a viver segundo os valores do Reino de Deus, ou seja, interpelar a humanidade a viver como humanos, viver a vida humana segundo Jesus Cristo. Na certeza, que só assim – vivendo segundo “Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus” (Rm 1, 1-7), é possível ter uma sociedade melhor, uma sociedade humana, que vive os valores, que promovem e dá dignidade de serem verdadeiros humanos, promovendo-os a dignidade de verdadeiros seres humanos.

“Aos os olhos dos insensatos” (Sl 91, 7) isso parece utópico, ou até ilusório, mas, aos olhos dos que têm convicção de sua Consagração e eleição da parte de Deus para tal missão, isso é possível, isso é alcançável, basta, que se tenha a convicção de que é Deus que chama e Consagra. Assim, não fracassará a “obra começada” (Sl 137, 8), pois foi Ele quem a Criou para Si e “não desiste jamais de Sua Criação” (Dt 31, 8).

Assim, é Deus quem escolhe e Consagra homens e mulheres, dando-lhes a força do Espírito Santo para atualizar o Seu Amor no mundo de maneira a serem instrumentos eficazes de Sua Misericórdia em meio à sociedade e à história. Consciente de tudo isso está a Vida Religiosa Consagrada, que Deus elegeu para atualizar o Evangelho de Seu Filho Jesus na história da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTOS:

CONSTITUIÇÃO. *Dogmática Lumen Gentium. Sobre a Igreja*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1977.

CONSTITUIÇÃO. *Pastoral Gaudium et Spes. Sobre a Igreja no mundo atual*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1997.

CARTA APOSTÓLICA *às Pessoas Consagradas*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CRB. *Palestra da XX Ago, 50 CRB, 1954-2004*, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.

CODIGO DE DIREITO CÂNONICO. São Paulo: Loyola, 1983.

DECRETO. *Perfectae caritatis. Sobre a atualização dos religiosos*. In.: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Paulinas, 1966.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Nuntiandi. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*, São Paulo: Paulinas, 1975.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL. *Vita Consecrata sobre a vida consagrada e a sua missão na igreja e no mundo*, São Paulo: Paulinas, 1996.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*, São Paulo: Paulinas, 2013.

INSTRUÇÃO *Redemptionis sacramentum. Sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da santíssima eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES: *documento sobre a vida e a missão dos religiosos*, São Paulo: Paulinas, 1980.

LIVROS:

AZZI, Rolando. *A vida religiosa no Brasil: enfoque histórico*, São Paulo: Paulinas, 1983.

ASURMENDI, Jesus. *O profetismo: das origens à época moderna*, São Paulo: Paulinas, 1988.

ALEXANDRE, P., Felix. *O Reino e a História: Problemas Teóricos de uma Teologia da Práxis*, São Paulo: Loyola, 1982.

BÍBLIA DE JERUSALEM. São Paulo: Paulus, 1973.

CHRISTIAN, Duquoc. Tradução de Atico Fassini, *Cristiologia, ensaio dogmatido I: O Homem Jesus*, São Paulo: Loyola, 1977.

- DÍEZ, M. Felicísimo. *Vida Religiosa: carisma e missão profética*, São Paulo: Paulus, 1995.
- GUMIEIR, Fábio. *As ordens religiosas e a construção sócio-política no Brasil: Colônia e Império, s/d*. Disponível em: <<http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura>>. Acesso em: 14/05/2016 às 9h00.
- IGLESIAS, Ignacio. Tradução de Alda A. Machado, *Perguntas à Vida Consagrada*, São Paulo: Loyola, 2001.
- KEARNS, Lourenço. *A Teologia da Vida Consagrada*, São Paulo: Santuário, 1999.
- LIBÂNIO, B. João. *Vida Religiosa: Sempre a renascer*, São Paulo: Paulinas, 1995.
- _____. *As grandes rupturas socioculturais e eclesiais*, Petrópolis: Vozes. 1981.
- MEIER, P., John. Tradução de Laura Rumchinsky. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, vol 2, L.1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- NUNES, F. J. M. Rosando. *Vida religiosa nos meios populares*, Petrópolis: vozes. 1985.
- PIKAZA, Xarebir. Tradução de José Carlos Barcellos. *Esquemas Teológicos da Vida Religiosa*, São Pulo: Paulinas, 1982.
- SANAHURA, Claudio, Juan. Tradução de Lyge Carvalho. *Cultura de Morte: o Grande Desafio para a Igreja*, São Paulo: Katechesis, 2014.
- SECONDIN, Bruno. Tradução de Clemente R.Mahl. *Por uma fidelidade Criativa: A Vida Consagrada depois do Sínodo*, São Paulo: Paulinas, 1997.
- SANTO, B. Jesús. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do Cuidado*, São Paulo: Santuário, 2012.
- SICRE, L. José. Tradução de Wagner, O. Brandão. *Introdução ao Antigo Testamento*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- SEUBERT, Augusto. *Como entender a mensagem dos profetas: introdução pastoral aos profetas*, São Paulo: Paulinas. 1992.
- SICRE, L. José. *A justiça social nos profetas*, São Paulo: Paulinas. 1990.
- VIOLLAUME, René. Tradução de Atico Rubini. *A Vida Religiosa no mundo de hoje*, São Paulo: Paulinas, 1973.
- AQUINO, Tomás. Tradução de Alexandre Corrêa (orgs.), Rovíli C. e Luis A. Boni. *Suma teológica*, vol. VII. Rio Grande do Sul: Caixias do Sul, 1980.
- WILLSON, R. Roberto. *Profecia e sociedade no Antigo Israel*, São Paulo: Paulinas, 1993.

DICIONÁRIO:

CASAS, C., Joan & RODRIGUEZ. A., Angel (Orgs.). *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994.

TRIACCA, M., Achille & SARTORE, Domenico, (Orgs.). Tradução de Isabel, F. L. Ferreira. *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulus, 1992.

BERARDINO, Angelo (org.). Tradução de Cristina Andrade. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes, 2002.

ARTIGO:

LIBÂNIO, B. JOÃO (2010), Vida Consagrada e teologia latina-americana. Celebração da CLAR. *Revista Convergência*, São Paulo, n.428, 2010, p.51.